A COMUNA

SEMANARIO COMUNISTA ANARQUISTA

ANO IV — SÉRIE II

PREÇO \$20 — AFRICA \$25 — ESTRANGEIRO \$40

N.º 11 (101) — 27-5-923

Redactor principal:
Manoel Joaquim de Sousa
Editor:
António José d'Almeida

PROP. DO GRUPO EDITOR DE A COMUNA
RED. e ADM.: Rua do Sol, 131 — PORTO
CORR.: APARTADO 17 — PORTO

Administrador:
José Rodrigues Reboredo
Comp. e imp. na Tip. A INTERMEDIARIA, Porta do Sol, 32

A autoridade e a liberdade

A autoridade e a liberdade são princípios opostos. Procurar uma correlação, uma continuidade, ou um espírito de afinidade entre eles, é tarefa que só os mentecaptos, os exploradores da ignorância, os reacçãoários e os políticos de todos os matizes podem empreender, porque tem um grande interesse na «manutenção» dêsse confusio-

nismo perigoso. A autoridade é dura como uma rocha, insensível como o aço, árida como um deserto; a liberdade é ténue e suave como a brisa das tardes calmosas; — os seus frutos, saborosos e abundantes, dão-nos a ideia exacta dum oasis permanente. A liberdade, é a mais bela manifestação da Vida.

Entre a autoridade e a liberdade tem havido — e quem sabe por quanto tempo ainda haverá? — combates formidáveis. Em todas as idades, em todas as épocas, e, até, no próprio seio da primeira Internacional, foram estes dois princípios, — simbolizados em Carlos Marx e Miguel Bakunin — que estiveram sempre em foco!

Para imperar soberanamente na Terra, a autoridade tem assumido os mais variegados e estapafúrdios aspectos. Monarquia absoluta, constitucional, moderada, electiva, unitária, liberal, conservadora, reacçãoária, teocrática, fascista, integralista; república patriciana ou plebeia, oligárquica, aristocrática, municipalista, sacerdotal, federalista, igualitária, socialista, democrática, nacionalista, soviética, etc., tudo isto não são senão modalidades da autoridade que — suprema irrisão! — abonando-se veladamente com o estandarte da liberdade, apenas procura impor a férrea disciplina dum fardo muito em voga — o Estado, que, digam

o que disserem em contrário, é a pura autoridade organizada, segundo o Código da tirania e da opressão.

E a liberdade? A liberdade só tem um aspecto, uma modalidade: quebrar, esmigalhar, os pesados e ignominiosos grilhões que a autoridade vai forjando na sua estúpida cegueira...

O homem é ingovernável — proclama, altissonantemente, a Ciência. Pois bem: a autoridade, galgando por cima de todos os princípios humanos e científicos, vem-nos dizer, com uma impudência que nos causa arrepios, que o homem precisa de ser governado!

Assim, por toda-a-parte se nos apresenta a mesma influência, nos surge o mesmo dilema: a autoridade erguendo-se, sobranceira, em frente da liberdade! E é por isso que, socialmente falando, os homens se dividem em autoritários e libertários.

Para fazer um partidário da autoridade não é preciso muito. Basta que ele tenha o coração tam duro, como dura é a autoridade. É um homem assim, pode dar facilmente um Lênine; mas, o que facilmente dará, é um Krapotkine...

O sentimento de humanidade, é a primeira manifestação dum Ideal de beleza e harmonia; o sentimento da autoridade, é o primeiro ódio da filosofia pantagruélica do Estado caserneiro.

Dizem, aqui, que nos pregam, em todos os tons, a «necessidade imperiosa» de constituirmos um Estado moderno, um Estado com todos os atributos e acessórios do chamado *materialismo histórico*, não tem,

sequer, a mínima noção das tendências verdadeiramente humanas dos povos civilizados.

Para eles, a emancipação dos trabalhadores resume-se no pensamento do filósofo Haine: a mudança da escada — hoje, sou eu que *resido* nas alturas; amanhã, serás tú.

Expor, aos povos que trabalham utilmente e que sofrem as agruras dum vida de incertezas — teorias desta natureza, é iludi-los e enganá-los. Porque, no âmago dessas teorias, existem, latentes, os embriões dum nova escravidão.

A autoridade dum Estado, é, e será eternamente, a autoridade — exercida por mãos macias, delicadas e ássetinadas dum aristocracia ociosa e ladravaz, ou imposta pelas manípulas encárcilhadas, sujas e negras dum galego de esquina, os seus efeitos não-de ser sempre os mesmos, a sua acção produzirá sempre isto: mandões e mandados, governantes e governados, *super-homens* e *infra-homens*.

Ora, entre os que mandam e os que obedecem, entre os que governam e os que são governados, não há, não pode haver, a tam decantada harmonia, como acentuam, hipócritamente na sua propaganda os neo-marxistas, ou comunistas-autoritários, ou simplesmente bolchevistas.

A imposição gera a revolta. Primeiro, a revolta interna; depois, a exteriorização dessa revolta, ou a revolta externa.

Fazermos uma revolução, para, após o seu triunfo, andarmos sempre em revoltas, acho isso uma macaqueação dos processos político-burgueses, processos que tem feito a humanidade verter muito sangue, sem que, até hoje, pudesse atingir a meta das suas aspirações.

A Revolução — para ser essencialmente a Revolução Social — ou tem de ser libertária, ou não será Revolução. Quando muito, será um movimento revolucionário que apeará uns ti-

ranos para colocar outros no lugar que eles deixaram. E, francamente, a propaganda bolchevista não tem outro fim.

...Substituindo um Estado por outro, acontece como com o caso daquele vinhateiro da fábula, que possuía dois grandes armazéns: no primeiro, tinha vinho velho em pipas novas; e no segundo, tinha vinho novo em pipas velhas...

ALFREDO GUERRA

O "Poder forte,"

Com Poincaré à sua frente, os Franceses imaginam que o «Poder forte» é a última maravilha deste mundo! Vejamos, pois, a realidade da sua *imaginação* para nos certificarmos do erro em que eles laboram, e, com eles, todos os partidários, *brandos* ou *acérrimos* de semelhante «Poder».

O ministério Briand — de que não fazemos o elogio, bem entendido, nem dele, nem de qualquer outro ministério — conseguiu da Alemanha, em 1921, o pagamento do primeiro bilhão de marcos-ouro, assim como também conseguiu que a Alemanha ha paga-se mensalmente à França, 55 milhões de marcos-ouro em divisas estrangeiras.

Até ao 1.º de janeiro de 1922, a França recebia, a título de reparações, um milhão de toneladas de carvão por mês, ou sejam 33 mil toneladas de carvão por dia. É verdade que esta entrega era de 14 por cento inferior à entrega combinada ou estipulada no tratado.

Em 1922, a França devia receber 950 milhões de marcos-ouro, em reparações *en nature*, e os Aliados, 500 milhões. Ora os Aliados receberam quase tudo — 465 milhões; ao passo que a França recebeu, apenas, 265 milhões.

Os resultados obtidos por Poincaré, há 15 meses, são os seguintes:

Queda do antigo gabinete ale-

mão, que foi substituído por um gabinete de grandes industriais, membros da direita e nacionalistas.

Suspensão total de toda a entrega de carvão à França. E com a exploração das minas pelos Franceses, só no fim de março último é que a França começou a receber 3.500 toneladas de carvão por dia, em vez de 33 mil!

Mas, ainda há mais. É Roberto Jouvenal que nos elucida:

Aumento excessivo das despesas de ocupação;

Prolongamento do serviço militar da classe de 1921;

Serviço militar elevado a dezoito meses;

Baixa do franco francês;

Em dois meses, aumento de 15 por cento no custo da vida.

E o *Manchester Guardian* calcula, por seu turno, que a França perde meio bilhão de francos por mês, em consequência da sua política desastrosa.

E como compensação destes prejuízos, a agência Havas, em telegrama de Düsseldorf, avalia em 800 milhões de marcos-ouro, «o que a resistência do Reich custou, até hoje, à Alemanha.» Neste total figuram as despesas com a valorização do marco, com o aprovisionamento abundante da população do Ruhr, com o auxílio aos 120 mil ferro-viários em greve, com algumas compras indirectas, etc., etc.

Admiremos, pois, mais uma vez a grande e única vantagem do «Poder forte», oferecendo, gratuitamente, estes factos concretos aos partidários acérrimos desse «Poder».

Os homens indignos de ser livres, querem que os demais sejam escravos.

MARMONTEL.

Emílio Chapellier

**PORQUE NÃO CREIO
EM DEUS**

Ao preço de 1\$00 (1\$000 reis) já se encontra à venda este excelente folheto de propaganda.

Os pedidos, acompanhados da respectiva importância, e de mais \$20 para porte do correio, podem ser dirigidos, para o Apartado 17—Pôrto.

A Religião das armas: Carro do progresso

CATEQUIZAÇÃO...

Trabalhadores:

Tenha embora relação com as cousas da guerra a epígrafe deste escrito, quero falar-vos muito à boa paz; quero persuadir-vos da vossa *injustiça* quando amaldiçoais o chamado imposto de sangue—o mais justo... de quantos conheço—; quero convencer vos do enorme erro do vosso critério ao dizerdes que o militarismo é um cancro...; quero evidenciar, ao vosso espírito *transviado*, os *benefícios* incalculáveis que, pela porta escancarada da instituição militarista, entram, a toda a velocidade dos combóios rápidos do progresso, na vida dos povos, sobretudo na do trabalhador; quero mostrar-vos que esses combóios do progresso nunca chegariam ao seu destino para despejarem os seus inumeráveis vagões atafalhados de *felicidades*, *bem-estar*, *abundância*, *riquezas*, nos países bafejados por tanta ventura...; se o condutor da máquina não fosse o Génio da Guerra; se o guarda-freio não fosse o Artilheiro Militar e se o maquinista e os fogueiros não fizessem queimar, nas fornalhas abraçadas da locomotiva, os biliões com tanto martírio produzidos por vós, proletários, mas tão *gostosamente* acumulados no *tender* do ministério da guerra.

Olhai, amigos! vêdes ao longe aquela massa negra que avança? aquelas scintilações de espadas *relampejando ao sol das batalhas* (como sói dizer-se em literatura de romance...)? Ouvis o estrépito atoador daquela imensa mole agitando-se, deslocando-se em ondulações como gigantêscas serpente? Sentis tremer a terra sob vossos pés? Deslumbra-vos, cega-vos o clarão flamejante que rompe de vez em quando a negrura daquela massa? Ensurdece-vos o estampido formidável do canhão sacudindo os ares? Assombra-vos e aterroriza-vos a tremenda avalanche de homens e cavalos (homens?! homens, não! *soldados!*) a despenharem-se de monte em monte por aquela serrania abaixo?

Ficai tranqüilos! não tremais! aquilo que vêdes e vos espanta, não é a morte nem a ruína! não é a miséria nem a dor! não é a fome nem a tortura de gerações sem fim! Alegrai-vos pelo contrário, trabalhadores! aquilo que vem fazendo tremer o sólo,

atroando o espaço, esfumando o ar, vomitando chamas; aquela hidra colossal de cem mil cabeças e milhões de olhos ardentes e faiscante? Aquilo é o comboio do progresso! Os estampidos que ouvistes, assalariados, são o fragor dos rodados nos rails; a trepidação das carruagens; o arquejar da máquina; o resfolegar da caldeira; o roçar das engrenagens; o chocar das bombas dos veículos; tudo a trabochar *riquezas*, a espalhar *venturas*, a escorrer *alegrias* pelas juntas, em jactos de *prosperidades* pelos tubos de descarga, a *enriquecer* a atmosfera com o dinheiro dos impostos transformado em fumo que sai às ondas do ingente arcaiboio de tão poderoso maquinismo!

Deixai, pois, avançar o progresso! Não lhe estorveis a passagem; aliás, sereis esmagados *se fordes poucos...*, mas se muitos de vós, *se todos vós*, atravancardes os rails, *opondo um sério obstáculo ao avanço do comboio*, então, se o embate de tão pesada mole for terrível para os vossos peitos, é certo que, *por serdes então, uma enorme massa*, o descarrilamento se dará—o que será, como sem dúvida compreendeis muito bem, uma grande desgraça... para o militarismo...

Nem por sombras devemos pensar em semelhante desgraça... tamanha calamidade... Se tal acontecesse, perder-se-ia a Pátria... dos burgueses; e isso, sabeis muito bem, trabalhadores, deveis evitar a todo transe, dando todo o vosso esforço, prestando toda a vossa energia, contribuindo com todo o vosso dinheiro, derramando o vosso sangue, sacrificando a vida, se tanto fôr mester.

Falar-se de militarismo, companheiros, é falar-se da Pátria! e, se esta deve ter o vosso mais *acrisolado* preito, não deveis regatear àquele o que de mais generoso houver na vossa seiva; nem recusar-lhes os frutos que mais saborosos, de maior formosa ou opulência, o vosso *trabalho de escravos* produz...

Por isso *choca-me* deveras o sentimento, *alanceia-me* pungentemente o coração, o desrespeito ou o ódio com que tratais a instituição militar: como se ela fôra o vosso verdugo e não o vosso redentor!... Como posso

eu deixar de me entristecer vendo-vos fugir ao serviço nas fileiras...; negar a vossa existência à defesa do torrão dos outros... dos *santos negócios* deles, da sua prosperidade, das suas riquezas? Como não sentir-me revoltado, quando noto que procurais, por todas as formas, calotear o erário de Marte ou Palas, faltando, sempre que é possível, com os tributos que *devíeis* pagar à bôca do cofre e tão necessários para a vida da Pátria Burguesa que é... a vossa também?

Ora pois, camaradas, eu venho catequizar-vos e certamente já por este prologómeno o conseguirei... tal é a força da minha eloquência—rival de Cícero, Demóstenes, Vieira, José Estevão ou S. Francisco... Xavier no ardor apostólico que tenho empregado e empregarei nesta minha evangelização conquistando almas entre vós para a sublime religião do sabre...

Trabalhadores! dai esmola para a Santa Cruz da Espada! todo o vosso sangue, o vosso ser egoísta em holocausto à Santa Divindade da Guerra!

JOSÉ CARLOS DE SOUSA.

O PENSAMENTO REVOLUCIONÁRIO

DE

Ricardo Wagner

I

Que Ricardo Wagner foi o maior e o mais genial revolucionário da Arte, é esta uma das afirmações que não admite dúvidas de espécie alguma. O que era matéria de opinião, converteu-se rapidamente em certeza; e o génio, profundamente iluminado, triunfou de todos os misoneísmos e de todas as rotinas.

Mas, o que todo o mundo sabe e confessa de Wagner, como artista, ignora o que ele foi como pensador. E, afinal, as suas obras filosóficas não deixam lugar a dúvidas. Até se pode citar Wagner como orador, visto que, num comício realizado pela sociedade política *Fatherland*, ele se afirmou como ardente revolucionário de pensamento e acção.

Há tempos, um camarada que assinava os seus trabalhos com o pseudónimo de *Siegfried*, publicou, nos *Temps Nouveaux*, de Paris, as partes principais dum estudo que, sobre Ricardo Wagner, tinha em preparação. Nesse trabalho, digno de aplauso, *Siegfried* apresenta-nos o grande mestre sob um ponto-de-vista inteiramente novo,

êsse grande mestre que, com uma obstinação e uma perseverança acentuadamente jesuíticas, os reaccionários e os escritores a sôlido do regime, pretendem envolver nas trevas.

S multaneamente, D. Luís Morote consagrava, num diário de Madrid, ao mesmo assunto, um extenso e bem documentado artigo em que salientava, dum modo iniludível, a condição revolucionária do imortal compositor.

Esses dois trabalhos levaram-nos a escrever meia dúzia de tiras, no sentido de popularizar entre os camaradas alguns conhecimentos que permitam juntar às nossas opiniões as opiniões dum homem que soube elevar a arte às alturas do sublime.

A aparição, entre nós, de Raimundo Duncan, propagandista veemente de ideias e de potência revolucionária em tudo semelhantes às de Ricardo Wagner, em 1849, serviu de motivo a *Siegfried* para antecipar as provas da estreita relação que há entre o artista e o revolucionário. As próprias obras teóricas de Wagner, submetidas a dados e comentários que demonstram aos mais scépticos o valor de regeneração, incontestavelmente anarquista, do trabalho intentado por Raimundo Duncan.

Que a arte é um factor inestimável de renovação, seria pueril negá-lo. As grandes transformações não se realizam senão sob a influência das mais elevadas idealidades, das mais geniais criações artísticas e das mais poderosas forças mecânicas. Pensamento, Paixão e Acção constituem os três elementos propulsores e as três modalidades indispensáveis a toda a mudança profunda da vida e da própria vida.

Se Raimundo Duncan levanta a bandeira da renovação pela Arte, é necessário saudar a aparição de mais um grande factor nas lutas sociais dos nossos dias. Enquanto se desenvolve, neste meio pútrido, a degenerescência que vem de cima, é bom que, de baixo, brote a exaltação do mais nobre e do mais digno que existe no homem.

A grosseira influência do meio governamental — com os seus mecanismos de espionagem, de envilecimento público, de decadência intelectual e artística, responderá, assim, a elel vada influência do meio social — com a sua acção diferente, com a sua nova interpretação de arte e ciência, fadoras de novíssimas expansões populares e de profundas transformações na organização dos povos.

Os bolxevistas e a Revolução Russa

(Continuação)

Durante um breve período, após a revolução de Outubro, os operários, os camponeses, os soldados e os marinheiros foram os verdadeiros senhores da revolução. Mas bem depressa a invisível mão de aço do Estado comunista começou a embaraçar a revolução, a separar-la do povo, e a transformá-la em escrava dos próprios princípios.

Os bolxevistas são a ordem jesuita na igreja marxista. Não que lhes falte sinceridade, ou que as suas intenções sejam más. Foi o seu marxismo, que determinou o seu programa e os seus métodos. Os mesmos métodos que tiveram por consequência a destruição dos fins, a que aspiravam. Comunismo, socialismo, igualdade e liberdade tudo aquilo por que as massas russas se tinham submetido a tantos martírios foi desacreditado, desprestigiado pelas suas táticas, pela sua máxima jesuita «os fins justificam os meios». O cinismo e a brutalidade substituíram as aspirações ideais, que caracterizaram a revolução de Outubro. Todas as aspirações foram sufocadas, o entusiasmo popular foi morto, a indiferença e a apatia dominaram. Não foram as intervenções ou o bloqueio, mas sim os sistemas de política interna do Estado bolxevista, que afastaram o povo russo da revolução, e o encheram de ódio contra tudo que desta emane.

«Para que mudar?» — diz hoje o povo — «Todos os governantes são iguais, o pobre deve sempre sofrer». E é este fatalismo, reforçado por séculos de submissão, que tem permitido aos bolxevistas conseguirem dominar sobre a Rússia. Terão aprendido agora os bolxevistas, que nem sempre os fins justificam os meios?

Todavia, é verdade que Lênine se arrepende frequentemente.

Em todos os conclaves do Partido Comunista Russo recita contrito o seu «mea culpa». Um jóven comunista disse-me um dia: «Não ficarei surpreendido se Lênine declarar um dia, que a Revolução de Outubro foi um erro».

E' verdade que Lênine admite os seus erros; contudo, isto não o impede de continuar a adoptar os velhos sistemas erróneos. Toda a experiência nova é pro-

clamada por Lênine e seus seguidores o «non plus ultra» da ciência revolucionária e política.

— Ai! daquêles que ousem duvidar da eficácia ou da justiça dos novos métodos. São imediatamente marcados com o ferrete de contra-revolucionários, de especuladores e de bandidos.

Mas depressa Lênine se arrepende de novo, e escarnece da própria grei, chamando-lhe parva por ter acreditado, que tal experiência fosse possível. Depois de ter iludido durante quatro anos a Rússia e o mundo inteiro, afirmando que a Rússia estava organizando o Comunismo, Lênine no último congresso dos Sôvietes cobriu de ridículo os seus camaradas pela sua ingenuidade em acreditar, que o Comunismo fosse hoje possível na Rússia. E todavia as prisões regorgitam ainda daquêles que manifestaram a mesma dúvida há três anos.

Seria certamente interessante poder passar em revista todos os métodos postos em prática pelos bolxevistas para conseguirem os próprios fins; métodos de coacção do povo, e apresentados como a quinta essência de todo o saber humano, mas que deram como resultado a destruição da revolução. Mas não é no âmbito restrito dum pequeno artigo, que se pode proceder a uma análise detalhada de tudo quanto tem sido feito pelo estado bolxevista. Indicarei porisso o nente os métodos mais importantes e as fases mais salientes.

A paz de Brest-Litow ki significa para nós, o princípio de todos os males que se verificaram em seguida. Foi um desmentido conciso de tudo quanto os bolxevistas tinham proclamado antes ao mundo inteiro; paz sem indemnizações, independência dos povos oprimidos, abolição da diplomacia secreta. Isto não impediu os bolxevistas de fazerem a paz com o governo imperial alemão, sem se preocuparem, com efeito, com o povo alemão.

O preço da paz foi a traição da Letónia, da Finlândia e da Ucrânia.

(Continua).

EMA GOLDMANN.

COMO NÃO SER ANARQUISTA?

Encontra-se à venda na redacção de «A Comuna», este interessante folheto de Chueca, edição do grupo «Humanidade Livre».

Preço \$20; pelo correio \$30.

?

Contra os crimes do Bolxevismo

Proletários!

A Juventude Sindicalista do Pôrto realiza na próxima quinta-feira 31 do corrente, às 21 1/2 horas, no Sindicato da Construção Civil, rua da Boavista n.º 327 — uma **SESSÃO DE PROTESTO**, contra as infâmias dum governo que em nome da Revolução assassina os militantes que têm a audácia de afirmar os seus princípios.

Falarão entre outros: Luís A. Carvalho, Inácio dos Santos Vizeu e Arcádio Aragão.

Entrada e tribuna livres. Afirmemos a nossa solidariedade às vítimas!

NOTA — Convidamos todos os Grupos Anarquistas e organização operária a fazer-se representar.

“GENERACION CONSCIENTE”

(Revista ecléctica)

Diffusão filosófica-social do neo-maltusianismo — Meios científicos e práticos para evitar a fecundação — Procreação consciente e limitada — Educação física e moral do homem — Sociologia — Literatura — Racionalismo — Ciência — Artes, etc.

Preços de assinatura:

Colecção de 10 números, 4 pesetas. Número avulso, 40 centimos. De 5 exemplares para cima, 35 centimos.

Esta revista será mensal e aparecerá no dia 1 de Junho, só se enviando os exemplares que sejam pedidos e pagos antecipadamente, isto para facilitar ao seu grupo editor, as possibilidades da publicação dos números seguintes.

Cada colecção de 10 números desta revista constitui uma formosa obra de higiene sexual e de mais conhecimentos utilíssimos de grande valor para a vida privada e social.

Façam-se pedidos e remessas de importe a: *Generacion Consciente*, — Nueva, 4 — ALCOY.

LITERATURA

Perfil dum pária!

Na manhã do dia em que os fidalgos de Moser se escangalhavam por uma barreira de Sintra, mercê da falta de mão de rédea, aconteceu desabar para os sítios de Campolide uma barreira, sob cujo salão ficaram três trabalhadores, todos com filhos e mulher, corajosos, honestos e ignorados — dois logo mortos, e o último deslocado por forma a não poder dar mais um passo, sem muletas...

Apêados de tôlas as consagrações da riqueza e da elegância, sem carros de luxo monogramados de letras com corôas, sem esposas vestidas de sedas e cobertas de renda, sem mestras estrangeiras para as filhas, sem casas confortáveis, sem mezas de jantar convidativas, os três miseráveis de Campolide falam de tôdas as prendas que atraem sobre nós o olhar do público, e lá pereceram como bestas, sem ninguém lhe aspergir a cova duma pouca dessa condolência lírica que é uso atirar, mesmo desfibrada de interesse — as desgraças que não valem esmola de mór fôlego. O mais velho contava trinta e seis anos — casado e pái de sete filhos — e encontraram-no debaixo da barreira, num estado horrôroso de pin-tar: fracturas múltiplas nos ossos do crâneo, as articulações dos fêmures deslocadas, a boca cheia de terra, as carnes rôtas e sangrentas em bastos sítios dos membros e do tronco, e ambas as mãos enclavinadas na ância asfíxica dos últimos instantes, numa atitude demoníaca de exaspêro, impossível de olhar sem calafrios.

Informando-me pelos companheiros de trabalho, da sua biografia, achei este homem infinitamente interessante... E' engeitado, e logo aos dez anos, morta a mulher que lhe servira de mãe, aí ficou sem casa nem carinho, a passar a noite nas pedreiras, a pisar a terra descalço, a comer pão sêco, e a não ter quem lhe arremendasse a camisola. Tudo quanto na terra, o egoísmo dos homens e das coisas inventa para agredir a infância abandonada, tudo êle sofreu! Aos dezasseis anos, enrijado por uma existência rude, de ar livre, trabalho, e vida pura, fulvo de sol, encoirado na pele pelo convívio dos mes-

teres brutáis da besta de carga, não devendo à sociedade uma dentada de pão que não tivesse pago, e sem amigos, nem bens, nem casa de morar, tendo passado a adolescência entre mal-tas de enxada, migradoras de obra em obra, apenas cupidas no ganho, e chamejantes dum só desejo, o oiro, embora doutrem, o meu rapazola encontrou uma vez sobre uma pilha de táboas do Atêrro, um pequeno saco de dinheiro, que se verificou depois serem libras e notas esquecidas por um cobrador da Companhia do Gaz, naquele ponto. E' natural que o achado, naquele sítio, sem testemunhas nem môres perigos de inquérito ao pássaro de arribação que lhe lançasse as unhas, fosse de guiza a puir a honestidade dum banqueiro, mal fizera a dum pária afeito aos maus exemplos, e debatendo-se, na idade em que o homem é garrido por índole, no desconhôlo supremo de nunca haver sido senhor dum fato novo. O pobre diabo entretanto, depois de vacilar se não seria crime pôr as mãos nas bosseladuras daquele tesouro, aventurou-se a tocar-lhe, levando-o com terror, nas duas mãos muito afastadas do tronco, ao posto alfandegário do cais... e suplicava a tremêr, que o revistassem, não se cuidasse depois que êle tinha roubado alguma coisa!

O seu officio consistia em cavar terra e britar pedra, porque em razão de não poder pagar os dois anos de aprendizagem, nenhum carpinteiro ou pedreiro quizerá tomá-lo por ajudante. Até aos 14 anos, deram-lhe, os empreiteiros dois tostões, por cada dez ou dôze horas de trabalho. De aí para cima, quatrocentos reis, até aos 20: e foi só na fôrça máxima da vida que o pobre diabo conseguiu topar cinco tostões!

Todos conhecem o viver do trabalhador do campo e das cidades. Como durante o inverno o trabalho afalcoa, por causa das chuvas que espapaçam as terras, e das obras de construção que os empreiteiros todos reservam, salvos casos especiaes, para o tempo sêco, acontece que o cavador, grande parte desses meses não trabalha, e haverá que rilhar, nas suas desguarnecidas mansardas, a côdea por acaso forrada aos meses fartos. Válidos e fecundos quase todos (porque a carcaça é o único capital de que

dispõem) à volta do trabalho, apagada a luz na alcova frígida, a sua única distracção é a mulher. Os filhos são o imposto que oneram então o miserável, dessa pequena delícia permitida à sua penúria, e ei-los brotando-lhe em ninhadas, do leito, com outras tantas bocas que mais agravam a fome, já dolorosa de sofrer num estômago só. Das suas relações com a sociedade, auferê êle apenas uma exploração contínua e ferroz da sua bôlsa e do seu trabalho, a benefício das classes preponderantes.

E' o padre a vender-lhes as águas do baptismo, a benção do noivado, a sagrada partícula, e os responsos na cova derradeira. E' o proprietário a diminuir-lhe os salários quanto pode; o preguista a emprestar-lhe dinheiro com juro duplo, o mercieiro e o padeiro a envenenarem-no, o administrador do concelho a monteá-lo com destino à recruta, o agente eleitoral a embai-lo, e o ministro e o rei a sancionarem tôdas estas extorções misérrimas, com o manietarem-lhe as mãos, na hora do ajuste de contas, com o imergirem-lhe a razão cada vez mais, nas trevas da ignorância, e sobrecarregarem-nos de impostos, que a ladroagem política usufrui cinicamente em tôdas as espécies de orgias, refocilada na infâmia até aos gorgomilos...

... Casualmente adreguei de passar pela saibreira esmoronada, à hora de lhe tirarem debaixo o último cadáver. Fôra uma estopada medonha para achar cavadores que acedessem a vir arrancar dos escombros as três vítimas, a sobrevivente das quais esteve três horas aos gritos, com as pernas esmagadas sob uns pedregulhos, primeiro que alguma alma compassiva adviesse.

Expostos os corpos, outras três horas para encontrar maca onde conduzir o vivo ao hospital, e cêrca de nove para vêr chegar enfim o pessoal de justiça e de saúde, sem o que não poderiam remover-se os mortos para o seu destino. Pelas 4 ou 5 da tarde, hora em que já o telégrafo inundára Lisboa da notícia das cinco pernas Moser fracturadas, com outras tantas costelas e queixáis, passou pela estradá jacente à saibreira, um carro descoberto, dentro de cuja concha esbofava um cavalheiro, pálido e convulso, que sabendo-me periodista parou pra me dar conta da aflicção que o esbodegava. Se eu já sabia da catástrofe? Disse que sim, e o homem muito surpreso da minha placidez, ia-me contar da

impressão que a nova lhe fizera.

— Imagine você, conhecidos de pequenos... Eu nem jantei! Vou-me a Sintra acompanhar aquela infeliz família... ¿ Em que jornal escreve agora?

Sem retrucar, levei-o ao covão onde os dois mortos inchavam ao calor do sol, com ampolas de espuma crepitante na bôca, e ventas, furiosamente mordidas de varejas.

— Aquele maior tem sete filhos, e nove o atarracado, e o terceiro que se foi numa maça, com os ossos das pernas em razuras, estava igualmente carregado de família. Setenta anos de trabalho sem lucro, e de subalternidade sem revolta, eis aí a biografia d'estes pilhas!

Há oito horas que estamos aqui à espera dum delegado de saúde e dum polícia. Para êstes não há telégrafo, nem fios, nem comboios expressos. Os jornais não terão espaço amanhã, para contar a Lisboa o seu divino términus: serão colunas e colunas de Mosers, com a descrição dos carros e da Trombeta, a lista das visitas, e a côr do pús dos paxes retirados...

E o cavalheiro: — se isto são umas bestas! ¿ Quem é que se põe agora a cavar debaixo das barreiras?

— Se lá estavam os cinco tostões de que cada um necessitava para matar a fome, e pagar as luvas das contratas com que se compram palácios e mail-coach! No desastre de Sintra ¿ há algum perigo de vida imediato?

— Não, bom Deus, espero que não.

— E v. ex.^a, era ao menos parente, íntimo amigo, ou relação sequer dos vitimados?

— Sim, um pouco; cumprimentavamo-nos...

— Conclua, então, que a sua mágua por Sintra é torpíssima, expluindo paralelamente à sua indiferença, por Campolide.

— Valha-me Deus! mas reflita você, isto são homens ordinários.

— Extraordinaríssimos, perdão. Eles representam na família humana os irmãos malditos, e tendo por seu lado a fôrça, que podia e devia insurgir-se contra a exploração de quem nos deserdá, o mais que fazem é usar ainda dela a benefício dos seus irmãos algozes. A bíblia é sintética, e Cain quando matou Abel, lá tinha as suas razões. Ah! ricos! até quebrais as pernas para roubar aos filhos da fome o necrológio a que o martírio tem direito!...

FIALHO D'ALMEIDA.

PARA A PRÓXIMA INSURREIÇÃO

Os tempos que decorrem são bem tristes para nós.

O nosso trabalho de tantos anos parece que foi destruído. Muitos dos nossos camaradas definham nas prisões e nas galés, ou correm, errantes e desolados, por terras de exílio; todos nós estamos quase reduzidos a uma completa impotência.

Somos vencidos.

Mas não temos a alma de vencidos. Ardente, é a nossa fé; forte e vigorosa, a nossa vontade; certa a nossa esperança numa inevitável insurreição.

A nossa derrota, é a derrota daqueles que são presos, quase sempre, no caminho do progresso, porque lutam pela elevação humana. Mas isto não é mais do que um episódio duma guerra muito longa.

Não há razões para perdermos a coragem, embora haja muitas para nós sentirmos profundamente entristecidos.

O que sucede actualmente não é senão o triunfo transitório do Fascismo, que nos aflige e nos surpreende. Tínhamos previsto isso, e esperavamos-lo. Há três anos, quando a revolução era possível e não foi querida, porque havia os meios necessários para a fazer, repetimos às massas, em centenas de reuniões: Fazei a revolução, já; de contrário, os burgueses far-vos-hão pagar com lágrimas de sangue o medo que vós hoje lhe meteis. E foram, como são actualmente, as lágrimas de sangue que constituem o pagamento desse medo!

Os que entravaram, discordaram e retiveram o movimento, asseguravam que o tempo trabalhava por nós; e, por isso, diziam que esperassemos, visto que a vitória seria fácil. Nós afirmávamos que o contrário é que era verdade; que todo o atraso nos prejudicava; que as massas se cansariam de esperar; que o entusiasmo enfraqueceria; e que, entretanto, o Estado se ressarciria, preparando as armas defensivas e ofensivas. Francisco Savério Nitti, que os fascistas ingratos, cobrem agora de calúnias e vitupérios, organizava, já, a guarda real. Ninguém nos escutou... e surgiu o Fascismo...

Segundo a nossa opinião, o dano político e económico trazido pelo Fascismo tem pouca importância, e pode mesmo ser um bem, porque põe a nú, sem máscara nem hipocrisia, a verdadeira natureza do Estado e do domínio da burguesia.

Politicamente, o Fascismo,

com as suas formas bestialmente estúpidas e processos risivelmente teatrais, não faz, no fundo, senão o que todos os governos têm feito: proteger as classes privilegiadas e criar novos privilégios para os seus partidários. Além disso, o Fascismo demonstra aos mais cegos que ainda acreditam na harmonia social e na missão moderadora do Estado, como a verdadeira origem do poder político, bem como os meios essenciais à sua existência, é a violência brutal — «o santo cacetete». Mas também ensina aos oprimidos qual é o caminho da sua emancipação, sem caírem em novas opressões: é o caminho de impedir que uma classe, ou um partido, ou um homem, possa impor aos outros a sua vontade pela força.

Economicamente, e salvo alguns pequenos deslocamentos de riqueza, necessários à satisfação dos apetites dos seus partidários, o Fascismo não mudou, em nada, a situação do país. Desde o momento que o regime capitalista fique em vigor, isto é, que o sistema de produção seja destinado, não a satisfazer as necessidades de todos, mas a assegurar lucros aos detentores do capital — o que, necessariamente, deveria dar-se com ou sem Fascismo — aí temos a miséria aumentando de dia para dia. E não é possível que um país possa viver longo tempo, consumindo mais do que aquilo que produz. E os trabalhadores aprenderão que todas as melhorias que possam conquistar em circunstâncias excepcionalmente favoráveis, serão sempre alguma coisa de ilusório e de efêmero, enquanto não assumirem, eles-próprios, a direcção da produção, eliminando os que vivem a expensas do trabalho doutrem.

O verdadeiro e grande mal que o Fascismo fez, ou revelou, foi a baixez moral em que caiu, após a guerra, a superexcitação revolucionária destes últimos anos.

E' inacreditável o mau uso que, da liberdade, da vida e da dignidade dos seres humanos, tem sido feito por outros seres humanos. E é humilhante, para quem sente a comum humanidade que liga todos os homens, bons ou más, ao pensar que todas as infâmias cometidas não produziram nas multidões um movimento de indignação, de rebeldia, de horror e de reprobção. E' humilhante para a natureza humana a possibili-

dade de tanta ferocidade e de tanta covardia. E' humilhante que, homens que alcançaram o poder, somente porque, privados de todo o escrúpulo moral, souberam escolher o momento preciso para ameaçar uma burguesia cheia de medo, possam encontrar a aprovação, embora mesmo por uma aberração passageira, dum número suficiente de indivíduos para impor a todo o país a sua própria tirania.

E' por isso que a insurreição que nós esperamos e que invocamos, deve ser, antes de tudo, uma insurreição moral: a entrada, novamente em acção, da liberdade e da dignidade humana. A insurreição deve ser a condenação do Fascismo, não somente como facto político e económico, mas também, e sobretudo, como o fenómeno da criminalidade, como a erupção duma chaga purulenta que se tinha formado e que morreu no corpo doente do organismo social.

* * *

Entre os pretensos subversivos, encontram-se ainda alguns indivíduos que pretendem afir-

mar que os fascistas nos ensinaram como se deve proceder, e que se propõem imitar e exacerbar os métodos empregados por eles.

Eis o grande perigo, o perigo de amanhã, o perigo de que ao Fascismo decadente por dissolução interna, ou por ataques do exterior, venha suceder um outro período de violências insensatas, de vinganças estéreis que degenerem em pequenos episódios sangrentos as energias que se devem empregar numa transformação radical da organização social, transformação em que sejam inteiramente impossíveis os horrores que vemos hoje.

Os métodos fascistas são, sem dúvida, excelentes para quem aspira a tirano; mas não são bons para quem quer fazer obra de libertação, para quem procura elevar os seres humanos à dignidade de homens livres e conscientes.

Nós, anarquistas, ficamos, como sempre temos sido, partidários da liberdade, de toda a liberdade.

ERRICO MALATESTA.

Do que se sabe

FINANCEIRICES

E PROGRESSO

Lá vai a interessante historietta:

«*Scena*: Séquito régio, num grande hotel. O Financeiro Internacional está sentado à secretária, entre telefones, vasos de flores, sifões de soda, e caixas de charutos.

Entra o Ardente Socialista, procurando um capitalista para explorar uma invenção sua.

Ardente Socialista: Tenho aqui, senhor, os planos de um novo sistema de irrigação que pode fazer florescer o deserto como uma roseira, fazer com que o trigo dê duas espigas em vez de uma só, fazer multiplicar a felicidade humana e...

Financeiro Internacional: Ponha fora este homem. Está-me roubando o tempo.

O satélite criado, põe fora o homem.

Como a audiência continúa, entra um Experiente Entusiasta, procurando quem o atenda.

Experiente Entusiasta: Aqui, senhor, tenho a fórmula de um novo gás. Os seus fumos podem aniquilar em cinco minutos toda a população de qualquer das maiores cidades do mundo, e o seu emprêgo em larga escala tornaria inabitáveis todos os países».

Financeiro Internacional: E' esse o material, meu caro senhor? Sentai-vos, fumai um charuto, e dizei-me tudo acerca da vossa admirável invenção.»

São assim os promotores desta civilização e os conservadores do regime capitalista. E' pouco o que traduzimos, mas é mordaz e autêntico. Assim isto sirva para fazer pensar os que ainda sustentam estas anomalias.

FAZEDORES DE GUERRAS

No parlamento inglês, o coronel Birckley, em resposta a Morel, referiu-se a um empréstimo da França à Sérvia. Pouco depois Morel abriu-se e revelou-nos as seguintes informações:

«A França emprestou não somente 300.000.000 de francos (trescentos milhões de francos) à Sérvia, mas também 400.000.000 (quatrocentos milhões) à Polónia e 100.000.000 (cem milhões) à Rumania, e que todas estas somas seriam gastas em adquirir material de guerra dos fabricantes franceses.»

Sem dúvida que as provas se acumulam, cada vez mais esmagadoras, de que só os boches desejavam a guerra, que foi a última, e que só os aliados desejavam a paz.

Ah, que se os produtores não pensam viver fora do regime capitalista! Estarão bem servidos, sem dúvida.

M. H.

Pela INTERNACIONAL

A campanha dos I. W. W. O Comité Executivo dos I. W. W. acaba de organizar uma Comissão especial para fazer, no seio das classes trabalhadoras, uma intensa propaganda da greve geral que será declarada, em dia determinado e com uma reclamação única: a libertação, dos horrores do cativeiro, dos 55 camaradas que jazem nas prisões dos Estados Unidos, há uns poucos de anos, por terem protestado contra a guerra europeia. Oxalá que os nossos camaradas da I. W. W. vejam coroados de bom êxito os seus esforços; e que o operariado americano, dando um belo exemplo de solidariedade humana, exija dos verdugos, não um pouco de clemência, mas a justiça a que as vítimas têm direito.

Congresso dos Camponeses da Catalunha Este Congresso realizou-se nos dias 20, 21, 22 e 23 de abril findo, com a representação de 16 organismos.

Como finalidade ideológica dos camponeses organizados, o Congresso resolveu por unanimidade, aceitar o Comunismo Libertário.

Sobre os meios de luta, foi aprovada a seguinte moção: «Considerando que todos os trabalhadores rurais têm interesses comuns, e que, por isso, se devem unir fortemente, não só para conseguirem a diminuição dos impostos que se pagam ao Estado, como para conquistarem melhores condições de existência; Considerando que, desta forma, se poderá arrancar à burguesia agrária o bem-estar dos camponeses, intensificando a produção:

O Congresso, propondo-se unificar estes interesses, deixa a cada organismo local a liberdade de determinar as formas pelas quais possa chegar a este fim, de acordo com os princípios da ideologia proclamada pelo Congresso.

Sobre as relações entre os trabalhadores dos campos e das cidades, foi adoptada a seguinte proposta:

«Visto que os interesses de todos os trabalhadores são idênticos, é necessário desenvolver cada vez mais entre os operários dos campos e das cidades a concepção da solidariedade, tanto sob o ponto-de-

-vista material, como sob o ponto-de-vista moral, de modo que os resultados que possamos e devemos obter desta concepção, se tornem uma realidade.»

Sobre a questão das Cooperativas, o Congresso declara: «Visto que a organização operária tem por objectivo a abolição do regime capitalista e de todos os seus órgãos, e que as cooperativas não são senão um paliativo surgido do regime actual, cada trabalhador, ficando com a liberdade de entrar ou não para as cooperativas, não deve esquecer que, no seu raio de acção, a organização operária deve operar fora do âmbito cooperativista.»

Um apêlo O secretariado da A. I. T., apela para todas as organizações no sentido de lhe enviarem os fundos necessários à campanha que o Comité de Defesa Anarco-Sindicalista vai empreender, por meio da imprensa e do comício, no sentido de conseguir a libertação dos inúmeros camaradas que jazem nos cárceres bolxevistas da Rússia, — camaradas que sofrem atrocemente as agruras da prisão pelo tremendo delito de não pensarem como os verdugos ditatoriais. As quantias podem ser enviadas a Fritz Kater (A. I. T.) Kopenikusstr. 25 II Berlim 0.34.

Salvador Seguí e a I. S. R. (Carta aberta da C. N. T. de Espanha ao Secretariado da A. I. T.)

Caros camaradas:

Na imprensa Comunista da Espanha e dos outros países — imprensa submetida à Internacional de Moscóvia — e ultimamente na *Correspondance Internationale* de 13 de abril findo, apareceram alguns artigos procurando demonstrar, que o nosso amigo e camarada Salvador Seguí, assassinado, em Barcelona, no dia 10 de março, pelos bandos reaccionários, tinha fundas simpatias pela I. S. R., e que exprimira, aos seus amigos, o desejo de trabalhar firmemente, no seu regresso da Rússia — onde ele queria ir para estudar a política dos Soviets — pela reconsideração do movimento operário espanhol, que devia orientar-se pelos conselhos de Moscóvia.

A C. N. T. de Espanha considera, do seu dever, reagir con-

tra esta campanha, iniciada com o fim de explorar a memória do nosso caro camarada; e declara que Salvador Seguí foi sempre, até à morte, um intérprete fiel dos princípios libertários da organização operária sindicalista revolucionária da Espanha.

Seguí defendia o ponto-de-vista — e alguns dias antes do assassinato ele tinha-o exposto publicamente — de que os sindicatos profissionais eram capazes de organizar a vida dos povos no dia seguinte ao dia da Revolução.

Sobre a Rússia, manifestou sempre, por actos públicos e em conversas particulares, a opinião de que a C. N. T. devia manter firmemente a sua atitude de afastamento da I. S. R., e que devia estabelecer relações internacionais com todos os organismos operários do mundo, imbuídos dos princípios que deram vida e fôrça à Primeira Internacional dos Trabalhadores.

Salvador Seguí tinha uma grande estima por si-próprio, o que não lhe permitia possuir intenções e planos opostos à ética sindical-revolucionária.

Eis o que desejamos constatar, e eis o que fazemos.

O Comité Nacional da C. N. T.

Mais outra mentira dos delatores de Moscóvia, que se desfaz!...

Novos crimes do bolxevismo! A A. I. I. recebeu, de Moscóvia, estas duas notícias:

«O membro do Comité Central do partido socialista-revolucionário da esquerda, o camarada W. E. Trutovky, acaba de ser posto em liberdade, após três anos de prisão, por causa do assassinato do Consul alemão na Rússia, o Conde de Mirbach. Alguns dias depois foi recapturado pela Tcheka; e, tendo-se recusado a fornecer os esclarecimentos que a mesma polícia desejava, referentemente aos camaradas que vivem clandestinamente, ameaçaram-no de que o exilariam para Kuldja (Mongólia). Trutovky tentou, então, suicidar-se, mas foi salvo pelos seus camaradas. Então, dirigiu ao *Presidium* do Comité Central Executivo Pan-Russo uma carta, na qual lhe declara que, no caso de ser mantida a sua prisão — após três anos de horrores sofrimentos — recorrerá às medidas mais extremas para defender a sua vida.

Notificando este facto, a delegação do Partido socialista-revolucionário da esquerda, no estrangeiro, salienta que Tru-

tovky é uma das figuras revolucionárias mais simpáticas da Rússia, tendo sofrido duas vezes o exílio, sob a férula do tzarismo. Trutovky é autor de vários livros sobre a teoria do Socialismo. A delegação pede a intervenção da classe operária internacional para salvar a vida deste homem que lutou intemerratamente contra a liquidação da revolução russa, e contra os instigadores do regime de terror e da corrupção.

...

No campo de concentração, perto de Arkhangel, os anarquistas declararam a greve da fome. No 11.º dia, as autoridades bolxevistas resolveram *alimentá-los* artificialmente. Os camaradas barricaram as portas das prisões, embeberam os colchões das camas em petróleo e lançaram-lhes o fogo. A morte, era preferível à tortura! Seis deles morreram queimados; e outros seis foram salvos a muito custo...

Revolucionários de todos os países!

«Que é que esperais para estigmatizar os traidores, os assassinos, os miseráveis poltrões do Kremlin? Elevai a vossa potente voz contra as ignomínias que nos fazem lembrar os mais bárbaros tempos da inquisição. Que todo o comunista proteste também, mostrando assim que não está de acordo com a tirania dum governo de malvados. Gritai, por toda-a-parte, nas reuniões e na imprensa, o horror que vos inspira o regime assassino do bolxevismo, que se sacia no sangue dos revolucionários russos. Exigi a libertação de todos os revolucionários e a abolição do regime de terror vermelho.

Do «Boletim»
da A. I. T. de Berlim.

Aos nossos prezados assinantes da provincia

Tendo sido enviada para o correio a cobrança relativa à primeira série (10 números), dos assinantes da provincia, pedimos a todos os camaradas para pontualmente satisfazerem os recibos enviados, evitando assim a sua devolução. Cada recibo devolvido representa aproximadamente a despesa de 40 % da importância a cobrar, causando esse facto enorme embaraço à vida do jornal, que durante os meses de Março e Abril teve um déficit de escudos 799\$37.

A Administração.

Movimento sindical

O PRÓXIMO CONGRESSO DAS JUVENTUDES SINDICALISTAS

Os jovens devem fazer o máximo para que êle consista numa afirmação de consciência e vitalidade.

Está para breve a realização do II Congresso das Juventudes Sindicalistas. Não pretendemos encarecer a importância deste acontecimento porque, supomos, todos a reconhecem. Simplesmente desejamos interessar a opinião proletária, sobretudo a juvenil, porque entendemos que os jovens devem empregar o máximo dos seus esforços para que o seu congresso consista numa afirmação de consciência e vitalidade.

Bastante tem feito as juventudes, sendo para lamentar que mais não tenham podido fazer em consequência do esforço da maioria dos seus elementos ser quase totalmente absorvido pela organização operária. Porém, em relação ao seu objectivo, o esforço produzido pela juventude é mínimo; e, temos ainda diante de nós, um extenso campo aonde é necessário trabalhar com vigor, com afan.

É imprescindível e urgente a vitalização de alguns núcleos que, existindo de facto, a sua vida é tam raquítica que quase passa despercebida; a organização de núcleos em inúmeras localidades aonde não existem e que são absolutamente necessários, impõe-se também; e, por último, a criação de condições de vida aos organismos centrais, de maneira a êstes poderem desempenhar-se da missão para que foram criados, é também uma necessidade imperiosa que se constata na morbosidade com que a propaganda vem sendo feita.

As relações nacionais com os organismos que tem determinadas afinidades com as juventudes sindicalistas, bem como as relações que internacionalmente se devem estreitar com as outras juventudes, são ainda assuntos que, como muitos outros, vão prender a atenção do próximo congresso e sobre os quais êle irá resolver.

É, pois, conveniente que os jovens se preparem para que, do II Congresso Juvenil, a sua organização saia mais potente, mais vigorosa, de modo a poder, mais amplamente, cumprir a sua missão educadora e revolucionária.

LUÍS DE CARVALHO.

Associação de C. dos Descarregadores de Terra e Mar do Porto e Gaia—(Movimento Sindical da 1.^a quinzena de Maio)

—Em assemblea geral do passado dia 6, tratou-se da brança Confederal, tendo-se feito convite aos Descarregadores que ainda as não tem, a levantar até ao fim do mês corrente as suas *Cartas Confederais*, sem as quais, a partir dessa data, não terá validade alguma o cartão de identidade.

Novamente reuniu esta classe no dia 13, presidindo o velho militante J. G. Gonçalves, manifestando Joaquim do Carmo o seu contentamento, por ver que a unificação se faz e os velhos e prestimosos elementos da classe oferecem todo o seu esforço em prol da emancipação dos trabalhadores.

Entre o expediente destaca-se pela sua importância uma circular do *Comité do Norte* da Federação Marítima, pedindo a solidariedade material para os presos por Questões Sociais e Caixa de Solidariedade da Federação Marítima. Joaquim do Carmo lendo no 1.^o número do *Marítimo* o que sob o título: *Um gesto nobre* se dizia, justificou a necessidade da solidariedade.

É deferido o pedido dos Barqueiros e Fragateiros por ser justíssimo.

Trata-se da casa para instalação da Escola Racional, a instituir, funcionando de dia e de noite, dirigida por um militante que reuna os predicados que o cargo exige.

Apreciando a circular n.^o 32 da C. G. T., a assemblea resolve por unanimidade dar a sua franca e leal adesão à *Associação Internacional dos Trabalhadores*.

Por último resolve comemorar o seu 4.^o aniversário com uma sessão solene, tendo feito convite a todos os sindicatos e instituições operárias, bem como aos grupos Libertários e Juventudes Sindicalistas.

Federação das Juventudes Sindicalistas (Secção de Propaganda no Norte)—Na sua última reunião resolveu:

Chamar a atenção da Delegação Confederal de Propaganda no Norte para a desorganização em que se encontram as classes operárias de Guimarães;

Solicitar dos comités federais de propaganda no Norte, que ainda o não fizeram, uma resposta à circular n.^o 1 sobre a *Organização no Norte*;

Lembrar ao delegado que foi a Aveiro representar a F. J. S. que, como é do seu dever, tem de apresentar, com brevidade, o relatório da sua missão;

Instar com a Comissão Organizadora do II Congresso

Juvenil para activar os seus trabalhos no sentido do congresso se realizar o mais breve possível;

Encetar trabalhos no sentido de organizar núcleos de juventude sindicalista em Viana do Castelo, Penafiel, Valença do Minho e Fafe.

* * *

Para continuação dos seus trabalhos, reúne novamente amanhã, 27, na sua séde, pelas 18 horas precisas.

Vida Anarquista

União Anarquista Portuguesa

COMITÉ NACIONAL

A êste comité tem chegado adesões dos grupos de Lisboa: «Humanidade Livre», «Terra e Liberdade» e «Clareza» de recente formação e de Coimbra: «Os Rebeldes».

Adesões individuais tem também chegado de anarquistas de Tomar, diversas localidades da Beira Alta, do Cereal do Alentejo, dos arredores de Lisboa e de Evora.

O Comité Nacional está em permanente ligação com elementos de várias localidades, prestando informações, para a organização e reorganização de novos grupos.

Para estudo e intercâmbio intelectual manifesta êste Comité o desejo de lhe ser enviado de tôdas as publicações de propaganda, como manifestos, folhetos, jornais ou revistas, um ou dois exemplares, isto tanto nacional como internacional.

Na sua última reunião ordinária, tomou-se conhecimento de correspondência vária e das diversas adesões e pedidos de esclarecimentos. Resolveu-se iniciar trabalhos de propaganda e organização e seguir com outros já iniciados.

Para correspondência, valores registados, etc., endereçar a José Pires de Matos—Travessa Agua de Flor, 16-1.^o—Lisboa—Portugal.

Grupo Anarquista CLARIDADE

Em Lisboa, acaba de se constituir êste grupo, que se propõe fazer a propaganda anarquista entre o povo, a mocidade (especialmente a Juventude Sindicalista), os artistas, os literatos. Está aderente à União Anarquista, com a qual já mantém relações. Deseja estabele-

cer relações com todas as organizações anarquistas nacionais ou estrangeiras, esperando que lhe sejam enviadas os seus endereços. Toda a correspondência para David de Carvalho, rua das Olarias, 68-4.^o D.—Lisboa—Portugal.

Organização anarquista de Lisboa

Reuniram em 3 do corrente os anarquistas de Lisboa para resolverem sobre a forma de organização que mais conviesse à propaganda, tendo aprovado o seguinte documento:

«Os anarquistas de Lisboa, reconhecendo a necessidade de criar um elemento coordenador da propaganda anarquista local, assentam na necessidade da criação de um comité anarquista em Lisboa com função administrativa eventual e com a função definida da propaganda. Este comité será composto por cinco membros nomeados em reunião conjunta dos anarquistas e esforçar-se-há por dar realização ao seguinte:

- Fazer aparecer o mais breve possível uma publicação de propaganda.
- Promover reuniões dos anarquistas dando-lhes conta dos trabalhos realizados e propondo acções de propaganda as mais diversas e necessárias.

Grupo Comunista Libertário

«O Universo»—EUORA

Com esta denominação acaba de se organizar um grupo anarquista que só aceita adesões de indivíduos que sejam coerentes com os princípios anarquicos.

Tem como objectivo: a difusão das ideas libertárias entre a classe trabalhadora.

Este grupo, depois de aprovar as teses com os aditamentos feitos na Conferência Anarquista, resolveu dar a adesão à U. A. P., começando no próximo mês de Junho a sua cotização; lavrar o seu veemente protesto contra o infame assassinato de Seguí e Comas, perpetrado pela reacção espanhola; saudar tôda a imprensa Anarquista, todos os revolucionários sociais de todo o mundo, a *Batalha*, o *Despertar* e a *A Comuna*.

Tôda a correspondência dirigida a José Alborito, rua do Cano, 55—Evora.

LEDE

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Caleidoscópico

Como eles as armam

Um deputado inglês, o coronel Buckley, declarou, na Câmara dos Comuns, que a França vai fazer os seguintes empréstimos: à Sérvia 300 milhões de francos; à Polónia, 400; e à Roumênia, 100 milhões. Impõe, apenas, uma obrigação a cada um destes países: as somas emprestadas destinam-se exclusivamente à aquisição de material de guerra em casas francesas!...

Ora, segundo as afirmações dos vários empresários políticos, a época das guerras já terminou. Para que será, pois, esse novo material? Para matar passarinhos?... Veremos, como diz o cego...

A mão dura...

Em telegrama de Allahabad, diz-nos a Agência Havas:

«A Alta-Côrte (o supremo tribunal de justiça inglesa) acaba de se pronunciar sobre o caso dos 170 indios condenados à morte, em janeiro último, pelo horrendo crime de terem atacado o posto de polícia de Chauri Chaura, e de terem assassinado, em legítima defesa, vários agentes da ordem, em fevereiro do ano passado. O supremo tribunal confirma 19 penas de morte, e transforma 151 em prisão perpétua!»

Acabando de ler isto, ficamos a pensar: como é que a Inglaterra, que tem processos tão infames para a aplicação de penas, se sente com coragem para pedir clemência, aos outros governos, para certos delitos? Francamente, o que uns e outros estão a pedir, é a vassoura revolucionária. Enquanto essa vassoura não desempenhar o seu papel, nada feito...

Números característicos:

A Confederação americana do trabalho (A. F. of L.) foi fundada há 42 anos. O seu representante mais típico, é o antigo operário manipulador de tabacos, Samuel Gompers, cuja actividade nitidamente reaccionária é bem conhecida. Em 1910, a A. F. of L. contava 600 mil aderentes; em 1902, um milhão; e dois milhões em 1914. Em 1920, atingiu o seu apogeu, contando 4.079.000 cotistas. A partir dessa época, principiou a diminuir o número de aderentes, ficando, em fins de 1921, em

3.196.000. Inúmeros trabalhadores; indignados com a atitude burguesíssima de Samuel Gompers, que tantas vezes os tem traído, abandonaram-no, ingressando nas organizações revolucionárias. Actualmente, a A. F. of L. conta 112 federações centralizadas e 666 organismos não unificados, que representam 1.834.400 sindicalizados.

Não há dúvida: os partidários do reformismo decrecem a olhos vistos, cedendo o lugar os trabalhadores revolucionários, conscientes...

Como falam os chacais

O sr. Alberto Sarraut, disse, outro dia, na Câmara dos deputados franceses:

«Felicitemo-nos, porque, para guardarmos os nossos domínios coloniais, não temos necessidade, senão da haste da nossa bandeira; basta do isso, para que reine a paz, não pensando ninguém em perturbá-la. O que prova que os franceses são bons colonizadores e que os indígenas estão contentes, muito contentes conosco.»

Para lhe demonstrar a veracidade das afirmações, não é necessário referirmo-nos às revoltas da Indo-China, da Algéria, da Oceania, etc., que foram afogadas em sangue. Transcrevamos, apenas, algumas cifras do Diário do Governo, para vermos que o deputado esteve a mangar com toda-a-gente e seu pai; e que, para que a França mantenha o proletariado das colónias na escravidão, precisa das seguintes forças militares:

1.617 oficiais; 12.279 soldados europeus; 49.999 soldados indígenas, que lhe custam anualmente 183.859.000 francos!

Para cultivar os laureis do marechal Lyautey, precisa de 2.767 oficiais; 35.700 soldados europeus, e 50.000 soldados indígenas, que ficam anualmente por 417.121.840 francos!

Para guardar Constantinopla, precisa de 312 oficiais; 4.410 soldados europeus, e 3.590 soldados indígenas, que fazem uma despesa anual de 56.285.700 francos!

Para a Síria, precisa de 1.309 oficiais; 13.125 soldados europeus, e 21.875 soldados indígenas, que gastam 360.000.000 de francos por ano!

Assim, para erguer o pau da sua bandeira nas colónias, a França imperialista armia

198.983 homens, que lhe fazem, anualmente uma despesa de 1.017.263.540 francos (1 milhão, 630 mil contos da «nossa» moeda, com o câmbio, como está)! Chama-se a isto, uma administração pública... e peras!

Secho alegre

O Tonecas, antes de entrar para a aula, partiu, com uma pedrada, um vidro da janela da escola. Entra, todo receoso e preocupado, na previsão de imminente tempestade.

—Quem fez o mundo?—Pergunta a professora, quando elle vem entrando.

—Fui eu—responde o Tonecas, a soluçar; mas não o torno a fazer...

ANTOLOGIA

O mal do Anarquismo

Poderemos dizer a nós próprios toda a verdade? Se a podemos dizer, eu abalanco-me a afirmar que a única forma heróica da sciência e da vida moderna é o Anarquismo.

Do Anarquismo derivam os livros mais gentis e os homens mais valorosos. No Anarquismo está em gestação a «gente nova» dominadora da vida social.

O Anarquismo tem os seus filósofos, os seus poetas, os seus jornalistas, os seus criticos e os seus heróis. É toda uma onda fresca e sonora de ideias e de vida. Na obra destes homens, que valem mais, muito mais do que os chineses do socialismo parlamentar e do que os bizantinos do conservantismo,—em tudo que escrevem há uma tão grande força socrática de raciocínio e uma originalidade de inspiração tão viva que, muitas vezes nos maravilha, e, mais vezes ainda, nos comove...

O Anarquismo não é uma causa: é uma consequência. Não é uma proposição: é uma ilacção. Não é a expressão duma loucura politica: é a afirmação duma condição de cousas que está destinada a transformar-se.

Dada uma sociedade como a nossa, isto é, uma sociedade cariada em todo o seu esqueleto, que em todos os seus humores está afectada duma discrasia já invencível—O Anarquismo, ou antes, o espirito que nega, é uma necessidade lógica e inevitável.

Actualmente, o Anarquismo é para a nossa sociedade o que foi a filosofia de Rousseau para a sociedade francesa do

século XVIII. Naquele mundo fechado de privilégios, de preconceitos e de crueldades, Rousseau precipitou-se como um salvador se precipita num compartimento fechado onde está prestes a asfixiar-se uma pessoa querida—abriu todas as janelas e mostrou que, para além daquelas leis e daquelas regras da corte; que, para além daquela medida de validade e de etiqueta, havia campos livres e céus infinitos, havia as glórias da vida universal e as esperanças do imortal porvir...

O Anarquismo contém: a afirmação da consciencia individual contra o vil predominio das maiorias eleitorais e parlamentares; a afirmação das vontades renovadoras contra a inércia moral das chamadas classes conservadoras e reaccionárias; a afirmação lógica do pensamento e da acção contra a incoerência dum e doutra...

(1897).

VICENTE MORELIÓ.

O sentido em que somos anarquistas

por Miguel Bacunine

É uma oportuna e recomendável edição agora feita pela Biblioteca de A Sementeira.

Um exemplar, \$30—Pelo correio \$40.

Descontos aos revendedores e Grupos de Propaganda.

Pedidos a esta administração ou à Biblioteca de A Sementeira—Cais do Sodré, 88—Lisboa.

CORREIO DE "A COMUNA"

LISBOA.—José Agostinho Neves. Recebemos 4 escudos. Pago até ao n.º 18.

Francisco Rafael. Recebemos 4 escudos. Pago até ao n.º 24.

Alvaro Domas. Recebemos 2 escudos. Segue jornal.

Raul dos Santos. Recebemos a dita importância, ficando pago até ao n.º 18.

Correa Barreira. Pode mandar o jornal de onde tiraste a tradução? Há umas coisas a corrigir que cremos ser erro da tradução.

PORTO.—José Gomes Lopes. Recebemos 2 escudos.

GUARDA.—Damião Ferreira da Silva. Já fizemos a transferência. O seu débito é de 2\$20.

S. BRAZ DE ALPORTFL.—António Mendes Pinto. Recebemos 5 escudos a que demos o destino indicado. Ficas pago até ao n.º 25.